



CHRISTINA
LAUREN

Um sonho
de
férias



 FARO
EDITORIAL



CHRISTINA
LAUREN

Tradução de Adriana Krainski

Um sonho
de
férias

UM SONHO DE FÉRIAS © 2024 BY FARO EDITORIAL.

IN A HOLIDAZE COPYRIGHT © 2020 BY CHRISTINA HOBBS AND LAUREN BILLINGS

ALL RIGHTS RESERVED.

PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH THE ORIGINAL PUBLISHER,

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**

Tradução **ADRIANA KRAINSKI**

Preparação **DANIELA TOLEDO**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Diagramação e adaptação de capa **VANESSA S. MARINE**

Imagens de capa e miolo **FREEPIK | @FREEPIK @LASTYEARTIMECOOK @SARINADARIN @PHOTOGRAPHEASIA @JCOMP @JOHNSTOCKER**

Diagramação de e-book **CALIL MELLO SERVIÇOS EDITORIAIS**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Lauren, Chri

Um sonho de férias / Christina Lauren ; tradução de Adriana Krainski. -- São Paulo : Faro Editorial 2024.

ISBN 978-65-5957-590-9

Título original: In a Holiday

1. Ficção norte-americana I. Título II. Krainski, Adriana

24-0131

CDD 813

Índice para catálogo sistemático: 1. Ficção : Literatura norte-americana



1ª edição brasileira: 2024

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL.

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

WWW.FAROEDITORIAL.COM.BR





1

26 de dezembro

PODEM ME CHAMAR DE VADIA. PODEM ME CHAMAR DE IMPULSIVA. Podem me chamar de pé no saco.

Nunca ouvi nada disso de ninguém, mas hoje eu bem que merecia. A noite passada foi um desastre.

Tentando não fazer barulho, saio da cama de baixo do beliche e, na ponta dos pés, atravesso o piso gelado do quarto até a escada. Com o coração tão acelerado que tenho a impressão de que dá até para ouvir as batidas do lado de fora do meu corpo. A última coisa que quero é acordar o Theo e ter que olhar nos olhos dele antes de conseguir ligar o meu cérebro e formar pensamentos coerentes.

O segundo degrau da escada sempre range, fazendo um barulho de casa mal-assombrada; resultado de quase três décadas de correria de “crianças” subindo para fazer refeições ou descendo para brincar e dormir no porão. Estico a perna para colocar o pé com cuidado no degrau de cima, suspirando ao ver que consegui não fazer barulho. Nem todos têm essa sorte: aquela tábuia solta já entregou o Theo em uma tentativa de sair de fininho tarde da noite —

ou quase de manhã, dependendo do ponto de vista — mais vezes do que consigo lembrar.

Assim que chego à cozinha, a minha preocupação deixa de ser a discrição e passa a ser a velocidade. Ainda está escuro, a casa está silenciosa, mas o tio Ricky vai acordar logo. Este chalé está cheio de madrugadores. A minha janela de oportunidade para tentar resolver o problema está se fechando bem rápido.

Com um bombardeio de lembranças da noite anterior se passando pela minha cabeça como um filme, subo correndo a escada que leva ao segundo andar, passo batido pelo visco pendurado no patamar da escada, contorno o corrimão, usando apenas as minhas meias de bengalinhas natalinas nos pés. Atravesso o corredor em silêncio e abro a porta que dá para o lance de escadas mais estreito que leva ao sótão. Chegando lá, empurro a porta do Benny.

— Benny — sussurro, na escuridão gelada. — Benny, acorda. É uma emergência.

Um resmungo grave vem do outro lado do quarto e eu aviso:

— Vou acender a luz.

— Não...

— Vou, *sim*. — Levo a mão ao interruptor e o quarto se ilumina.

Enquanto nós, os filhos, somos largados em beliches no porão, o sótão vira o quarto do Benny todos os meses de dezembro, e acho que é o melhor quarto da casa. Tem um teto inclinado e uma janela comprida com um vitral colorido lá nos fundos, que projeta a luz do sol na parede do outro lado, formando faixas brilhantes de cor azul, vermelha, verde e laranja. A cama de solteiro estreita divide o espaço aqui em cima com uma confusão organizada de relíquias de família, caixas de itens de decoração para várias ocasiões especiais e um guarda-roupa cheio das roupas antigas de inverno do vovô e da vovó Holli, da época em que comprar um chalé em Park City não era uma pretensão financeira absurda para um diretor de escola de ensino médio de Salt Lake. Como nenhuma das outras famílias teve filhas, quando eu era criança, subia aqui sozinha para brincar com as roupas, ou às vezes tendo o Benny como plateia.

Mas agora eu não preciso de uma plateia. Preciso de ouvidos gentis e uma boa e honesta dose de conselhos, porque estou à beira de surtar.

— Benny. *Acorda*.

Ele se apoia em um cotovelo e, com a outra mão, esfrega os olhos para tentar espantar o sono. Seu sotaque australiano sai em uma voz rouca.

— Que horas são?

Olho para o celular que estou segurando com a mão fria e úmida.

— Cinco e meia.

Ele me encara com olhos vesgos e incrédulos.

— Alguém morreu?

— Não.

— Alguém desapareceu?

— Não.

— Alguém está se esvaindo em sangue?

— Sim, um sangramento mental. — Entro um pouco mais no quarto, me enrolo em uma mantinha velha de tricô e me sento na cadeira de vime de frente para a cama. — Socorro.

Aos cinquenta e cinco anos, Benny ainda tem o mesmo cabelo volumoso e loiro escuro que ostentou a vida toda. O cabelo desce até abaixo do seu queixo, ondulado como se ele tivesse passado anos fazendo permanente e, em certo momento, tivesse simplesmente decidido ficar daquele jeito. Eu costumava imaginar que ele era um *roadie* de banda de rock dos anos oitenta ou um aventureiro que atraía turistas ricos para um fim nefasto no meio do mato. A realidade é bem menos emocionante: ele é só um serralheiro de Portland. Mas o tilintar das pulseiras turquesa e colares de conta pelo menos me deixam dar asas à imaginação.

Seu cabelo agora forma uma aura de um emaranhado caótico em volta da cabeça.

Tenho uma história profunda com cada um dos outros doze seres nesta casa, mas o Benny é especial. Ele é amigo dos meus pais dos tempos da faculdade. Todos os adultos da casa frequentaram a Universidade de Utah juntos, com exceção do Kyle, que entrou para o grupo depois de se casar com um dos amigos do grupo da faculdade. Mas o Benny sempre foi mais um amigo do que uma figura paterna. Ele é de Melbourne, um cara tranquilo e mente aberta. O eterno solteirão, bom conselheiro e a única pessoa na minha vida com quem eu posso contar para me colocar nos eixos quando os meus pensamentos estão descontrolados.

Quando eu era criança, guardava todas as minhas fofocas para contar para ele durante o fim de semana da Independência ou as férias de Natal. Assim que eu conseguia um momento a sós com ele, despejava tudo de uma vez. Benny tinha um jeito de ouvir e dar os conselhos mais simples e sem julgamentos, sem lições de moral. Estou torcendo para que a sua cabeça fria possa me salvar agora.

— Tá certo. — Ele pigarreia para tirar a rouquidão da garganta, afastando umas mechas rebeldes de cabelo do rosto. — Desembucha.

— Então... — Apesar do meu pânico e do tempo curto, decido que é melhor introduzir o assunto aos poucos. — Eu, o Theo, o Miles e o Andrew estávamos jogando uns jogos de tabuleiro no porão ontem à noite — começo.

— Aham — ele murmura, baixinho. — Uma noite como outra qualquer.

— Detetive — gaguejo, jogando o cabelo para trás do ombro.

— Sei. — Benny, como sempre, demonstra uma paciência extrema.

— O Miles caiu no sono no chão — digo. Meu irmão mais novo tem dezessete anos e, como a maioria dos adolescentes, consegue pegar no sono em cima de qualquer pedra dura. — O Andrew saiu para o galpão.

O “aham” que vem a seguir sai junto com uma risada, porque o Benny ainda está achando muito engraçado que Andrew Hollis, irmão mais velho do Theo, tenha finalmente batido o pé e conseguido convencer o pai a deixá-lo de fora da situação infantilizante de ter que dormir em beliches: ele foi dormir no galpão durante as férias de fim de ano. O galpão é uma construção pequena, fria e velha que fica a uma distância de cerca de vinte metros do chalé principal. O que me deixa louca é que o galpão não fica nem perto da água. É um espaço usado principalmente como uma extensão do quintal no verão e, com toda a certeza, nada adequado para hóspedes que vêm passar noites de inverno nas Montanhas Rochosas.

Por mais que eu odeie não ver o Andrew Hollis na parte de cima do beliche do outro lado do quarto, sinceramente, não posso culpá-lo.

Nenhum dos hóspedes que está no porão é criança. Já ficou estabelecido que o Theo consegue (*e como*) dormir em qualquer lugar e que o meu irmão, Miles, o idolatra e fica em qualquer lugar onde ele estiver. Eu aceito a situação só porque a minha mãe me mataria com as próprias mãos se eu reclamasse da generosa hospitalidade da família Hollis. Mas o Andrew, com quase trinta

anos, parece ter ficado de saco cheio dessa história de ter que agradar os pais: pegou uma cama dobrável, um saco de dormir e saiu faceiro do chalé na noite em que chegamos aqui.

— A gente tinha bebido um pouco — digo, e em seguida me corrijo. — Quer dizer, o Miles não bebeu, claro, mas a gente bebeu.

Benny ergue as sobrancelhas.

— Duas doses. — Faço uma careta. — Gemada com conhaque.

Será que o Benny sabe onde essa conversa vai dar? Todo mundo sabe que eu fico bêbada muito fácil e que o Theo é um bêbado muito assanhado. Bom, para dizer a verdade, o Theo é sempre muito assanhado.

— Eu e o Theo subimos para pegar água. — Passo a língua nos lábios e engulo em seco, com uma sede repentina. — Há, e aí a gente falou, tipo, “ah, vamos dar uma voltinha bêbados lá na neve!”. Mas aconteceu que... — Prendo a respiração, estrangulando as palavras. — A gente acabou se beijando no vestíbulo.

Benny fica paralisado e, de repente, fixa os olhos castanho-esverdeados bem arregalados em mim.

— Você está falando do Andrew, né? Você e o Andrew?

Aí é que está. Com essa simples pergunta, Benny acertou em cheio.

— Não — digo, por fim. — Não com o Andrew. Com o Theo.

Pois é, essa sou eu: vadia.

Com a sobriedade a meu favor e a clareza chocante da manhã seguinte, a confusão frenética da noite passada ainda está ofuscada na minha cabeça. Será que fui eu que comecei a coisa toda, ou foi o Theo? Só sei que foi muito atrapalhado. Nada sedutor: dentes batendo, alguns gemidos e beijos intensos. A mão dele meio que pegou no meu peito de um jeito que pareceu mais um exame de mama do que uma carícia apaixonada. Foi aí que eu o afastei, e, pedi desculpas às pressas, passei por baixo do braço dele e descí correndo para o porão.

Sinto vontade de me sufocar com o travesseiro do Benny. É isso que eu ganho por enfim aceitar a gemada mega-alcoólica do Ricky Hollis.

— Espera aí. — Se inclinando, Benny pega uma mochila do chão ao lado da cama e tira uma piteira de vidro fina e comprida.

— Sério, Benedict? Nem amanheceu ainda.

— Olha só, *Maelyn*, você está me dizendo que deu uns amassos no Theo Hollis na noite passada. Você não tem direito de me encher o saco por dar uma tragada antes de ouvir o resto dessa história.

Justo. Suspiro, fecho os olhos e jogo a cabeça para trás, enviando um pedido silencioso para o universo para apagar a noite passada da existência. Infelizmente, ao abrir os olhos, ainda estou no sótão com o Benny — que está tragando a fumaça da erva antes do nascer do sol — e sentindo uma pontada de arrependimento se instalar dentro de mim.

Benny solta uma nuvem fedida e guarda a piteira na mochila.

— Beleza — ele diz, cerrando os olhos. — Você e o Theo.

Assopro a franja para tirar do meu rosto.

— Não fale assim, por favor.

Ele ergue a sobrancelha.

— Você sabe que a Lisa e a sua mãe fazem piada sobre isso há anos... não sabe?

— Sim. Eu sei.

— Poxa, sei que você gosta de agradar os outros — ele diz, me estudando —, mas isso passou de todos os limites.

— Eu não fiz isso para agradar ninguém! — Paro e penso. — Pelo menos acho.

É uma piada antiga, desde que éramos crianças, que os nossos pais sempre quiseram que eu e o Theo namorássemos um dia. Assim seríamos, oficialmente, uma família. E acho que, em teoria, nós até que combinaríamos. Nascemos com duas semanas de diferença. Fomos batizados no mesmo dia. Dividimos a cama de baixo do beliche até o Theo ter idade suficiente para que confiassem que ele não se jogaria da cama de cima. Ele cortou o meu cabelo com a tesoura da cozinha quando tínhamos quatro anos. Eu cobria o rosto e os braços dele com band-aid sempre que ficávamos sozinhos, até que os nossos pais perceberam e começaram a esconder os band-aids. Para que nos deixassem sair da mesa logo, eu costumava comer as vagens do prato dele e ele comia as cenouras do meu.

Mas eram coisas de criança, e já não somos mais crianças. Theo é um cara legal e eu o adoro, porque somos praticamente da mesma família, e eu meio que tenho que gostar dele, mas crescemos e nos tornamos pessoas tão

diferentes que às vezes parece que as únicas coisas que temos em comum aconteceram há mais de uma década.

O mais importante (leia-se: patético) é que eu nunca me interessei pelo Theo porque, em primeiro lugar, sempre tive uma queda avassaladora, louca e silenciosa pelo irmão mais velho dele, o Andrew. O Andrew é gentil, carinhoso, lindo e muito engraçado. Ele é divertido, sedutor, criativo e afetuoso. Ele também é muito correto e reservado, e tenho certeza de que nada no mundo o afastaria mais rápido de uma mulher do que saber que ela deu uns amassos no irmão mais novo mulherengo dele, sob a influência de uma gemada alcoólica.

Benny, a única pessoa na casa que sabe da minha paixão por Andrew, fica me olhando com grandes expectativas.

— E aí, o que aconteceu?

— Estávamos bêbados. Nós três nos encontramos no vestíbulo: eu, o Theo e a língua dele. — Enfio a ponta do dedão na boca e a mordo. — Me fala o que você está pensando.

— Estou tentando entender como isso aconteceu. Não é do seu feitio, Chuchu.

Tento entrar na defensiva, mas logo a minha atitude é substituída por um sentimento de autodepreciação. Benny é o meu Grilo Falante e está certíssimo: não é do meu feitio.

— Quem sabe não foi um ato do subconsciente? Estou precisando superar essa besteira de gostar do Andrew.

— Tem certeza? — Benny pergunta, gentil.

Não.

— Sim? — Tenho vinte e seis anos. Andrew tem vinte e nove. Até eu tenho que admitir que, se alguma coisa fosse acontecer entre nós, já teria acontecido.

— E aí você chegou à conclusão: “por que não o Theo?” — Benny pergunta, lendo os meus pensamentos.

— Não foi tão calculado assim, tá legal? Quer dizer, ele até que é apresentável.

— Mas você sente atração por ele? — Benny coça a barba do queixo. — Acho que é uma pergunta importante.

— Tipo, muitas mulheres parecem sentir.

Ele ri.

— Não foi isso que eu perguntei.

— Tipo, na noite passada, acho que senti, né?

— E? — ele pergunta, fazendo uma careta como se não quisesse saber da resposta.

— E... — Enrugo o nariz.

— Pela sua expressão, foi terrível.

Solto o ar, murchando.

— Péssimo. — Faço uma pausa. — Ele lambeu o meu rosto. Tipo, meu rosto inteiro. — Benny se encolhe e eu aponto o dedo para ele. — Jura que vai guardar segredo.

Ele ergue a mão.

— Para quem eu contaria? Para os pais dele? Para os *seus*?

— Será que eu estraguei tudo?

Benny me lança um sorriso divertido.

— Vocês não são as primeiras pessoas da história a terem se beijado bêbadas. Mas talvez isso tenha sido uma espécie de estopim. O universo está falando para você seguir em frente, de um jeito ou de outro, nessa história com o Andrew.

Eu rio, porque isso parece genuinamente impossível. Como alguém pode esquecer um homem com um coração tão gentil e um bumbum tão perfeito? Não é como se eu não tivesse tentado esquecer o Andrew nos últimos, sei lá, treze anos.

— Tem alguma ideia de como eu posso fazer isso?

— Sei lá, Chuchu.

— E agora? Será que devo fingir que nada aconteceu? Será que eu falo com o Theo?

— Não deixe passar assim — Benny diz e, por mais que eu estivesse esperando receber uma autorização para simplesmente escapulir disso tudo, sei que ele tem razão. Evitar confrontos é o maior vício da família Jones. Meus pais devem poder contar com uma mão o número de vezes que discutiram com maturidade os sentimentos um com o outro. Bom, pelo menos é isso que o advogado que cuida do divórcio diria. — Vá acordá-lo antes que o dia comece. Alivie a tensão.

Ele olha para fora da janela, para o céu que reluta em clarear, e então de volta para mim. Minha expressão facial deve ser de puro pânico, porque ele apoia a mão na minha.

— Sei que é da sua natureza tentar evitar confrontos para suavizar os problemas, mas é o nosso último dia aqui. Você não vai querer ir embora com essa questão pendente entre vocês. Imagine como vai ser voltar aqui no próximo Natal.

— Você é o serralheiro mais intuitivo e sensível da face da Terra, sabia?

Ele ri.

— Você está fugindo do assunto.

Concordo com a cabeça. Coloco a mão entre os joelhos e olho para o assoalho velho de madeira.

— Mais uma pergunta.

— Manda? — Pelo tom, sei que ele sabe exatamente o que vou dizer.

— Será que devo contar para o Andrew?

Ele devolve com outra pergunta.

— Por que o Andrew precisaria saber?

Pisco e, ao olhar para o seu rosto, percebo uma expressão gentil de solidariedade. *Droga*. Ele tem razão. Andrew não precisa saber, porque ele não estaria nem aí mesmo.



2

AO SAIR DE FININHO DO QUARTO DO BENNY, TORÇO PARA QUE TODOS ainda estejam dormindo. Boa parte da casa está silenciosa e sossegada. O meu plano é simples: acordar o Theo, pedir para ele me acompanhar até a cozinha — não, a cozinha fica muito perto do vestíbulo — antes que alguém acorde. Aliviar a tensão. Deixar claro que foi um acidente, nada que justifique agirmos de forma estranha. Foi só um beijo de bêbados! O fato é que ninguém mais precisa saber disso.

Será que estou muito paranoica por causa de um beijo desastrado e uma pegada no peito? Sem dúvidas. Mas o Theo é como se fosse da minha família e essas coisas podem complicar as relações. Não quero ser uma bomba para a dinâmica confortável desta família que escolhemos ser.

Me recordo das outras centenas de manhãs que passei aqui, eu costumava ficar acordada na cozinha, jogando e trapaceando em silêncio no jogo de Paciência, enquanto o Ricky, que é o pai do Andrew e do Theo, comia biscoito fazendo barulho e tomava café feito um morto-vivo, despertando aos poucos. “*Maelyn Jones, eu e você somos farinha do mesmo saco*”, ele dizia assim que conseguia articular palavras. “*Nós dois acordamos junto com o sol.*” Mas, nesta

manhã, o Ricky ainda não acordou. No lugar dele está o Theo, inclinado sobre uma tigela gigante de cereal matinal.

Ainda é perturbador vê-lo de cabelo curto. Desde que me lembro, o Theo sempre teve um cabelo escuro e ondulado, estilo surfista, que às vezes ele prendia em um rabo de cavalo curto. Mas a cabeleira já era, foi cortada alguns dias antes de chegarmos ao chalé. Agora aqui estou eu, parada à porta, cercada por festões metálicos e folhas de azevinho de papel que os gêmeos e o Andrew penduraram ontem de manhã, olhando para o topo da cabeça do Theo, agora de cabelo curto, e pensando que ele parece um estranho.

Sei que ele sabe que eu estou aqui, mas age como se eu não existisse. Finge estar fascinado com as informações nutricionais na caixa do cereal à sua frente. Há leite escorrendo pelo seu queixo, que ele limpa com as costas da mão.

Sinto uma pedra no estômago.

— Oi — digo, dobrando um guardanapo de papel solto.

Ele não ergue a cabeça.

— Oi.

— Dormiu bem?

— Dormi.

Cruzo os braços e me dou conta de que estou de pijama, sem sutiã. Sinto o piso de linóleo frio sob os pés descalços.

— Acordou cedo.

Ele ergue os ombros largos.

— Pois é.

Ao piscar, percebo claramente o que está acontecendo. Não estou conversando com o Theo, meu amigo de longa data. Estou falando com Theo, o cara da manhã seguinte. Este é o Theo que a maioria das garotas conhece. O meu erro foi acreditar que eu não faço parte da *maioria das garotas*.

Vou até a cafeteira, ponho o filtro, encho com um pó de café bem escuro e aciono para passar. O aroma profundo e inebriante do café invade a minha mente e, por um instante, me distraio da angústia.

Olho para o calendário do Advento em cima do balcão, que está vazio não porque ontem foi Natal, mas porque Andrew adora chocolate e, cinco dias atrás, já tinha acabado com todos os doces que ficavam ali. Lisa, a mãe deles, fez uma barrinha de chocolate crocante no primeiro dia das férias, mas quase

ninguém teve coragem de pegar, porque todo mundo ficou com medo de perder um dente depois de ter visto o meu pai trincar um dente com um biscoito.

Conheço cada prato nesta cozinha, cada pegador de panela, cada jogo americano. Este lugar é mais querido para mim do que a casa onde passei a infância e não quero estragar tudo por causa de decisões idiotas tomadas sob efeito de gemada com conhaque.

Respiro fundo e me lembro do motivo de estarmos aqui: passar as férias com a família que escolhemos chamar de nossa. Comemorar a nossa união. Às vezes, nos irritamos uns com os outros, mas amo este lugar. Todos os anos fico ansiosa pelo momento de vir para cá.

Theo deixa a colher cair na mesa e o barulho me traz de volta àquele ambiente tenso e carregado. Ele chacoalha a caixa para se servir de mais cereal.

Tento puxar conversa de novo.

— Tá com fome?

Ele resmunga.

— Tô.

Dou a ele o benefício da dúvida. Talvez ele esteja com vergonha. Só Deus sabe como eu também estou. Talvez eu deva pedir desculpas, ver se estamos de acordo.

— Olha, Theo, sobre ontem à noite...

Ele ri, mastigando o cereal.

— Ontem à noite não foi nada, Mae. Eu bem que imaginei que você levaria a sério.

Pisco. Levar a sério?

Por um breve momento, eu me imagino arremessando qualquer objeto que esteja a meu alcance na cabeça dele.

— Que negócio é esse de... — começo a perguntar, mas passos se aproximando interrompem a minha explosão e evitam que o Theo seja decapitado por um descanso de panela de ferro fundido.

Ricky entra na cozinha e diz um “bom dia” rouco.

Ele pega uma caneca e, ao vê-lo esperando com a mão estendida, pego o jarro da cafeteira e o sirvo. Vamos até a mesa, arrastando os pés, em uma dança familiar. Mas Ricky hesita, sem saber onde se sentar, surpreso por um

inesperado Theo em sua cadeira. Ele puxa outra cadeira e solta um suspiro, sentindo o aroma do café.

Espero Ricky dizer. Lá vem. “*Maelyn Jones, eu e você somos farinha do mesmo saco.*” Mas as palavras não saem. Theo criou um muro de silêncio frio naquele espaço que em geral é tão acolhedor e sinto um pequeno tremor de pânico no estômago. Ricky é o rei das tradições e eu com certeza sou a herdeira do seu trono. Este é o único lugar do mundo em que eu nunca me questioneei o que estou fazendo da vida ou quem eu sou, mas, na noite passada, eu e o Theo mudamos o roteiro e agora o clima está esquisito.

Olho para o Theo, do outro lado da mesa, mas ele não ergue os olhos. Ele está compenetrado no cereal como um típico universitário de ressaca.

Theo é um babaca.

De repente, sinto uma raiva cega. Como ele pode não ter nem coragem de olhar para mim hoje? Uns míseros beijos embriagados não deveriam significar nada para Theo Hollis. Não passam de um arranhão que poderia muito bem ser ignorado. Mas não, ele está de propósito enfiando o dedo mais fundo na ferida.

Ricky se vira devagar para olhar para mim, e a sua expressão de dúvida entra na minha visão periférica. Talvez o Theo tenha razão. Talvez eu esteja levando tudo muito a sério. Fazendo um esforço, pisco e me afasto da mesa para me levantar.

— Acho que vou tomar café lá fora para aproveitar a última manhã aqui.

Pronto. Se o Theo tiver metade de um cérebro, o que atualmente está em discussão, ele vai se tocar e me seguir para conseguirmos conversar.

Mas quando me sento no balanço da varanda, embrulhada em um casaco comprido, com meias grossas, botas e um cobertor, sinto um frio que vem de dentro para fora. Eu não quero abalar as estruturas deste lugar tão especial e é por isso que nunca cedi às cantadas do Theo e nunca admiti para ninguém além do Benny que gosto de verdade do Andrew. A sólida amizade dos nossos pais vem de muito antes de qualquer um dos filhos nascerem.

Lisa e a minha mãe dividiam um quarto quando estavam na faculdade. O papai, o Aaron, o Ricky e o Benny moravam juntos em uma casa alugada caindo aos pedaços fora do campus. Eles chamavam a velha casa vitoriana pelo apelido incrivelmente criativo de Casa Internacional da Cerveja, mas pelas

fotos parecia mais um zoológico. Depois da formatura, o Aaron se mudou para Manhattan, onde conheceu e se casou com Kyle Liang e, mais tarde, eles adotaram os gêmeos. O Ricky e a Lisa ficaram em Utah, o Benny ficou vagando pela Costa Leste até fixar residência em Portland. Meus pais firmaram raízes na Califórnia, onde nasci, e, bem mais tarde, quando eu já tinha nove anos, veio o Miles, o bebê-surpresa. Eles se divorciaram há três anos e a mamãe se casou de novo e está feliz. Já o papai... nem tanto.

Aaron sempre diz que essas amizades salvaram a vida dele quando sua mãe e seu pai morreram em um acidente de carro durante o terceiro ano da faculdade, e o grupo se reuniu para eles passarem o período de festas juntos. Mesmo com todos esses altos e baixos da vida, a tradição permaneceu: todos os anos, no dia 20 de dezembro, nós nos entregamos ao roteiro natalino do Ricky, com todas as suas especificidades e detalhes. Nunca perdemos um ano desde que nasci, nem no ano em que meus pais se divorciaram. Aquele ano não foi agradável — dizer que foi *tenso* é um eufemismo —, mas, de certa forma, passar um tempo com esta família sem laços sanguíneos me ajudou a aliviar a sensação de deslocamento dentro da minha família.

A contagem regressiva para as férias sempre foi marcada com um círculo vermelho comemorativo no meu calendário. O chalé é o meu oásis, não só porque o Andrew está aqui, mas também porque é um chalé de inverno perfeito, com a quantidade de neve perfeita, as pessoas perfeitas e o nível de conforto perfeito. É o Natal perfeito e eu não quero que nada disso mude.

Será que eu acabei de estragar tudo?

Me inclino e abraço os joelhos. *Eu sou um desastre.*

— Você não é um desastre.

Eu me assusto e, ao olhar para cima, vejo o Andrew parado na minha frente, sorrindo e segurando uma xícara fumegante de café. A visão do seu rosto na luz da manhã, com seus olhos verdes de criança arteira, a barba rala por fazer e marcas de travesseiro na bochecha esquerda, faz meu corpo reagir de imediato: o coração cai de um penhasco e sinto o estômago quente e pesado no fundo da barriga. Ele é, ao mesmo tempo, exatamente quem eu queria ver neste momento e a última pessoa que quero que saiba por que estou incomodada.

Tentando me lembrar de como está o meu cabelo, puxo o cobertor até o queixo, pensando que eu deveria ter colocado um sutiã.

— Eu estava falando sozinha?

— E como. — Ele sorri e, meu Deus, esse sorriso faz o sol surgir por detrás das nuvens. Covinhas tão profundas que eu perderia todos os meus sonhos e esperanças lá dentro. É sério, seus dentes chegam a brilhar. Como que de propósito, um cacho castanho perfeito cai na sua testa. Só pode ser brincadeira.

E, ai, meu Deus do céu, eu beijei o irmão dele. Culpa e arrependimento se misturam, deixando um sabor amargo no fundo da minha garganta.

— Acabei revelando os meus planos de derrubar o governo e conduzir a Beyoncé ao posto legítimo de nossa líder suprema? — pergunto, fugindo do assunto.

— Devo ter chegado depois dessa parte. — Andrew olha para mim com uma expressão divertida. — Só ouvi a parte em que você disse que é um desastre. — Há algo no seu tom, um ar de brincadeira que eu não consigo decifrar direito. Sinto uma pontada de terror me acertar em cheio no plexo solar.

Aponto o dedo para seu rosto.

— O que está rolando aqui?

— Ah, nada. — Ele se senta ao meu lado, passa o braço pelo meu ombro e me dá um beijo no topo da cabeça. O beijo me distrai o suficiente para dissipar o terror e eu me esforço para não o agarrar, enquanto ele se afasta. Em termos de demonstração de afeto, um abraço longo e apertado de Andrew é o equivalente a beber goles generosos de água gelada em um dia de calor. Sei que não mereço tanto — ele é bom demais para qualquer reles mortal —, mas isso nunca me impediu de desejá-lo mesmo assim.

Uma sensação de desconforto se acomoda na minha mente quando ele diz o meu nome, rindo, junto ao meu cabelo.

— Você está terrivelmente alegre hoje — digo.

— E você *não* está — ele observa, se inclinando para analisar o meu rosto, de brincadeira. Os fones de ouvido em volta do seu pescoço caem para a frente e percebo que ele não se deu ao trabalho de desligar a música. Ouço “She Sells Sanctuary”, do Cult. — O que está rolando, Maisie?

É isso que nós fazemos juntos: incorporamos os nossos personagens idosos, Mandrew e Maisie. Fazemos vozes trêmulas e agudas para brincar, para trocar confidências, para provocar. Mas hoje estou demais apavorada para entrar na brincadeira.

— Nada — digo, dando de ombros. — Dormi mal. — Sinto a mentira deixar uma camada de gordura na minha língua.

— Noite difícil?

— Hum... — Os órgãos se desintegram nas minhas entranhas. — Tipo isso.

— Você e o meu irmão, hein?

Sinto a cabeça inteira incinerar. Cinzas de cérebro queimado se espalham pela neve.

— Ai, meu Deus.

Os ombros de Andrew se mexem quando ele ri.

— Vocês dois aí! Dando umas escapadas!

— Andrew... não é nada, eu não...

— Não, não. Tudo bem. Quer dizer, não é surpresa para ninguém, né? — Ele se afasta para olhar para o meu rosto. — Ei, relaxa. Vocês dois são adultos.

Solto um grunhido, enfiando o rosto entre as mãos. Ele não entende e, pior, ele *não* liga.

Seu tom suaviza, como que para pedir desculpas.

— Não achei que você ficaria tão apavorada. Só estava brincando. Quer dizer, para ser sincero, eu imaginava que era só uma questão de tempo até você e o Theo...

— Andrew, não. — Olho em volta, já desesperada. Seria ótimo descobrir uma saída de emergência secreta agora. Mas o que vejo é só um reflexo prateado vindo da manga do blusão de Natal horroroso e engraçado de Andrew, pendurado para fora da lata de lixo. A Missô, que é o cão da raça corgi dos Hollis, pegou a blusa na véspera de Natal e a Lisa deve ter resolvido que era impossível salvá-la. Entrar no lixo agora não seria uma má ideia. — Não foi isso que aconteceu entre a gente.

— Ei. Tá tudo bem, Maisie. — Percebo que ele ficou surpreso com o meu susto e coloca a mão tranquilizadora no meu braço, não entendendo bem o meu chique. — Não vou contar para ninguém.

Sinto a humilhação e a culpa surgirem na minha garganta.

— Não... acredito que ele... te contou.

— Ele não contou — Andrew diz. — Eu voltei para casa ontem à noite porque tinha deixado o celular na cozinha, aí vi vocês dois.

Andrew *viu* a gente? Sério, alguém me mate, por favor.

— Qual é, não precisa ficar tão preocupada por causa de uns beijos. Lembra que a minha mãe fica mudando o ramo de visco¹ de lugar na casa todos os dias. Metade deste grupo já se beijou em algum momento. — Ele me dá um cascudo na cabeça e, como se fosse possível piorar, minha humilhação só aumenta. — O meu pai pediu para eu vir te chamar para o café da manhã. — Ele dá um soquinho de brincadeira no meu ombro, um gesto entre amigos. — Eu só queria pegar um pouco no seu pé.

Dando uma piscadela, Andrew se vira e entra na casa, e eu fico ali, tentando encontrar a minha sanidade.



Dentro de casa, músicas natalinas ainda tilintam pelo ar. A sala de estar agora está repleta de vestígios do Natal: uma pilha de caixas de papelão amassadas, sacos de lixo cheios de papel de presente e caixas de plástico abarrotadas de fitas dobradas para serem reaproveitadas no próximo ano. As malas foram enfileiradas ao lado da porta da frente. Enquanto eu estava surtando do lado de fora, a cozinha virou um alvoroço e, pelo visto, perdi uma cena engraçadíssima do papai e do Aaron sendo pegos juntos debaixo do visco viajante da Lisa.

O café da manhã está a todo vapor: mamãe misturou sobras de tender, ovos, batata e tudo o que havia na geladeira para preparar uma caçarola. Lisa tirou um pão de centeio do armário e o Ricky encheu os pratos com pilhas de panquecas e bacon. O grupo todo está lento, depois de nos empanturrarmos por dois dias com calorias suficientes para um mês inteiro, mas também sei que estamos nos movendo sem pressa porque é a nossa última manhã juntos. Eu não sou a única pessoa desta casa apavorada com a ideia de voltar para a rotina entediante do trabalho das nove às cinco.

Daqui a poucas horas, eu, a mamãe, o papai e o Miles vamos colocar as malas no carro e ir até o aeroporto. Vamos pegar um voo até Oakland juntos e,

ao desembarcar, cada um vai para um lado. Victor, o novo marido da mamãe, já terá voltado da viagem anual com suas duas filhas adultas e estará esperando a mamãe com flores e beijos. Papai irá sozinho de carro para o seu apartamento próximo à universidade. Devemos ficar semanas sem vê-lo.

E, na segunda-feira, vou voltar para um emprego que eu não tenho coragem de largar. Vou voltar para a vida de que eu *queria* gostar, mas não gosto. Bem na hora certa, o meu celular vibra com um lembrete para enviar por e-mail uma planilha de demonstração de resultados financeiros para a minha chefe amanhã de manhã. Não abri o meu notebook desde que chegamos aqui. Acho que já sei o que vou fazer no caminho até o aeroporto. Só de pensar nisso, sinto todas as células do meu corpo ficarem cabisbaixas.

Todos se ajeitam em volta da mesa, diante de travessas fumegantes de comida.

É proibido usar celular durante as refeições, mas o Miles e seus grandes olhos castanhos sempre conseguem se safar e ninguém quer se aborrecer em uma discussão com o Theo, que está com o nariz enfiado no Instagram, curtindo fotos e mais fotos de modelos, carrões e golden retrievers. Ele ainda não está olhando para mim. Não está conversando comigo. Para ele, eu nem estou aqui.

Percebo que o Benny está me observando com aquele seu jeito gentil e perceptivo, e meu olhar encontra o dele por poucos segundos. Torço para que ele leia a mensagem silenciosa: O ANDREW ME VIU BEIJANDO O THEO E AGORA EU SÓ QUERO AFUNDAR NO CHÃO.

Kyle cantarola enquanto se serve de café. Ele deve ter um anjo da guarda antirressaca em algum lugar, sofrendo por todos os seus pecados, porque mesmo depois de toda a bebedeira da noite passada, ele ainda parece estar pronto para subir em um palco da Broadway e dançar até semana que vem. Por outro lado, seu marido, o Aaron, não bebeu nem um gole, e ainda assim parece acabado. Ele está passando por uma crise de meia-idade.

Parece que tudo começou quando um amigo deles comentou que o cabelo do Aaron estava quase todo grisalho, mas *bonito para um cara daquela idade*. Kyle jura que foi com a melhor das intenções, mas para o Aaron não fez diferença. Ele pintou o cabelo com um preto tão forte que a sua cabeça parece formar um buraco em qualquer lugar em que ele entra. Ele passou a maior

parte da viagem malhando como um alucinado e fazendo caretas na frente do espelho. Aaron não está sofrendo de ressaca, mas ele mal consegue erguer uma xícara por causa das milhares de flexões que fez ontem.

Kyle então se vira e examina toda a casa.

— Que clima estranho é esse? — ele pergunta, se sentando no seu lugar de sempre.

— Olha, eu tenho um palpite — Andrew diz, abrindo um sorriso largo e malicioso para o irmão, e eu quase me engasgo com o café. Benny fica atento.

Por fim, Theo olha para mim e, cheio de culpa, desvia o olhar.

É isso mesmo, seu babaca, eu estou bem aqui.

Ricky pigarreia e segura a mão de Lisa. Ai, Senhor. Será que eles também sabem? Se a Lisa contar para os meus pais, a minha mãe vai dar nome para os netos antes de chegarmos à garagem.

— Talvez seja por nossa culpa — Ricky diz devagar. — Eu e a Lisa temos uma notícia para dar para vocês.

O leve tremor nervoso na sua voz faz meus calmos batimentos dispararem. Será que o melanoma da Lisa voltou?

De repente, uns amassos no vestíbulo parecem não ter a menor relevância.

Ricky pega um prato de bacon e o passa pela mesa. Lisa faz o mesmo com a caçarola. Mas ninguém se serve. Só passamos os pratos para o próximo, sem querer nos comprometer a comer até saber qual é o nível de devastação que nos espera.

— A empresa está bem — Ricky nos tranquiliza, olhando nos nossos olhos. — E ninguém está doente. Não tem nada a ver com isso, não se preocupem.

Nós todos soltamos um suspiro de alívio, mas então vejo o papai, por instinto, segurar na mão da mamãe e é então que eu me dou conta. Só existe uma coisa que valorizamos tanto quanto a saúde das pessoas que amamos.

— Mas este chalé aqui está velho — Ricky diz. — Está velho e todos os meses tem alguma coisa diferente para trocar.

Sinto um nó quente no peito.

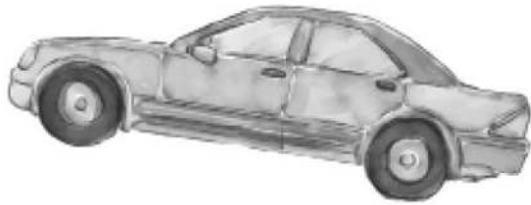
— Queríamos que vocês soubessem que esperamos continuar passando o Natal juntos, como fazemos há trinta anos.

Ele pega de novo o prato de bacon intocado que volta para ele e devagar o coloca na mesa. Ficamos todos imóveis, até os gêmeos de cinco anos de idade

do Aaron e do Kyle — Kennedy abraça os joelhos no peito, com um band-aid de ursinho apertado no joelho arranhado, e o Zachary aperta o braço da irmã —, com medo do que virá em seguida:

— Mas vamos ter que bolar um novo plano. Eu e a Lisa decidimos vender o chalé.

[1](#). A tradição norte-americana de mover o ramo de visco pela casa na época de Natal está associada ao costume de que, quando alguém se encontra debaixo do visco, espera receber um beijo de outra pessoa próxima. É também um gesto divertido, visto como uma oportunidade para novos casais se beijarem ou para as pessoas trocarem gestos afetuosos, trazendo um aspecto romântico às celebrações natalinas (N. T.).



3

PENSE NA MÚSICA MAIS DEPRESSIVA DE TODOS OS TEMPOS. PREFERIRIA ouvir isso a ficar naquele silêncio mórbido dentro do carro alugado em que estamos eu, Miles, a mamãe e o papai, enquanto saímos da entrada de veículos coberta de neve para a rua principal.

A mamãe chora baixinho no banco do passageiro. O papai tamborila as mãos no volante, como se não soubesse direito o que fazer com elas. Acho que quer consolar a mamãe, mas ele também parece estar precisando de consolo. Se eu já sinto que o chalé é tudo para mim, não é nada comparado às lembranças que eles devem ter. Eles vinham aqui desde que eram recém-casados e depois começaram a trazer eu e o Miles ainda bebês.

— Mãe. — Eu me inclino para a frente, colocando a mão no seu ombro.
— Vai dar tudo certo. Vamos ver todo mundo no próximo ano.

Seus soluços baixinhos se transformam em um choro, e o papai aperta o volante com as mãos. Eles se divorciaram depois de quase um quarto de século de casamento. O chalé é o único lugar em que eles se dão bem. Na verdade, é o único lugar em que eles se deram bem. Lisa é a melhor amiga da mamãe. O Ricky, o Aaron e o Benny são os únicos amigos que o papai tem fora do hospital. Papai abriria mão da própria casa, da guarda unilateral do Miles e de uma parte do seu salário todos os meses, mas não abriria mão do Natal no chalé. Para a mamãe, também era importante. As filhas do Victor adoravam passar um tempo com o pai e, de algum jeito, conseguimos manter uma paz

frágil. Será que isso vai durar se tivermos que ir a um novo lugar, sem lembranças felizes ou âncoras de nostalgia?

Olho para o meu irmão e me pergunto como deve ser passar a vida com essa inocência feliz. Ele está de fones de ouvido, cantarolando uma música animada e otimista.

— Eu não quis surtar na frente da Lisa. — A mamãe soluça, procurando um lenço de papel na bolsa. — Ela também estava arrasada, você não percebeu, Dan?

— É... bom, pois é. — Ele hesita. — Mas ela também deve estar se sentindo aliviada por tomar essa decisão difícil.

— Não, não. Isso é péssimo. — Mamãe assopra o nariz. — Ai, coitada da minha amiga.

Estendo a mão e dou um peteleco na orelha do Miles.

Ele estremece e se afasta.

— Que porra é essa?

Aponto com a cabeça para a mamãe, como que dizendo: *Fale alguma coisa para ajudar, seu idiota.*

— Ei, mãe, tá tudo certo. — Ele dá um tapinha sem jeito no ombro dela, sem nem se dar ao trabalho de desligar a música. Ele mal tira os olhos da tela do celular para olhar para mim, como que em resposta: *Tá bom assim?*

Eu me viro para a janela e solto um suspiro controlado, tentando não deixar ninguém me ouvir.

Antes de partirmos, Lisa tirou uma foto do grupo, provavelmente a última, e conseguiu cortar o topo da cabeça do pessoal que ficou atrás, e depois tivemos uma sessão de lágrimas e abraços, promessas de que nada mudaria. Mas nós todos sabemos que é mentira. Mesmo tendo prometido passar o Natal juntos, para onde iríamos? Para o apartamento de dois quartos do Aaron e do Kyle, em Manhattan? Para o apartamento do Andrew em Denver? Para a casa da mamãe e do Victor, que antes era a casa da mamãe e do papai? Seria bizarro! Ou quem sabe a gente não possa se espremer no trailer do Benny, em Portland?

Meu cérebro solta uma lágrima histórica.

A gente pode alugar uma casa em algum lugar, e chegaremos com malas e sorrisos, mas tudo vai parecer diferente. Não vai haver neve o suficiente, ou o jardim não vai ser grande o bastante, ou talvez nem tenha jardim. Será que

vamos decorar uma árvore? Será que vamos escorregar na neve? Será que vamos dormir na mesma casa? Achei que a minha infância terminaria pouco a pouco, e não com essa corrida acelerada na direção de uma parede com um escrito em letras garrafais: *Fim de uma era*.

Mamãe suspira e se vira depressa para nos encarar, interrompendo meu giro mental. Ela coloca a mão na perna do Miles e dá uma batidinha carinhosa.

— Obrigada, querido. — E depois na minha. Suas unhas estão pintadas com um esmalte fúcsia e a aliança brilha com a luz da manhã. — Me desculpa, Mae. Eu estou bem. Você não precisa cuidar de mim.

Sei que ela está tentando ser mais consciente em relação à carga emocional que tende a colocar em mim, mas a vulnerabilidade que ela demonstra é como uma lança no meu peito.

— Eu sei, mãe, mas não tem problema se você ficar triste.

— Eu sei que você também está triste.

— Eu também estou — o papai resmunga. — Caso alguém queira saber.

O silêncio que se segue a essa frase é do tamanho de uma cratera na lua.

Os olhos da mamãe se enchem de lágrimas.

— Tantos anos que passamos lá.

O papai repete como um eco vazio.

— Tantos anos.

— Pensar que nunca mais vamos voltar. — Mamãe leva a mão ao peito e olha para mim por cima do ombro. — O que tiver que ser, será.

Ela pega minha mão e sinto que vou trair o papai se aceitar o gesto e que vou trair a mamãe se não aceitar. Então aceito, mas meu olhar se encontra por um instante com o dele pelo espelho retrovisor.

— Estou vendo você aí pensativa, Mae, e quero que saiba que não é a sua obrigação fazer com que todo mundo fique feliz no ano que vem e nem garantir que a mudança seja tranquila.

Sei que minha mãe acredita nisso, mas é mais fácil falar do que fazer. Passei a vida toda tentando manter a paz entre nós na medida do possível.

Aperto sua mão e solto para que ela possa se virar.

— A vida é boa — mamãe afirma em voz alta. — O Victor está bem, as meninas estão crescidas, têm os filhos delas. Olhem para os nossos amigos. —

Ela abre as mãos. — Todos estão bem de vida. Os meus dois filhos estão bem de vida.

É assim que eu estou? *Bem de vida?* Como o amor de mãe é cego.

— E você, Dan? Também está bem, não está?

O papai dá de ombros, mas ela não olha para ele.

Ao meu lado, Miles balança a cabeça, ouvindo música.

— Talvez seja hora de experimentar algo diferente — papai diz com cuidado. Olho para ele pelo retrovisor. — Uma mudança pode ser algo bom.

Como é? Mudar nunca é bom. Mudança foi o que aconteceu quando o papai trocou de especialidade médica, quando eu tinha cinco anos, e nunca mais ficou em casa durante o dia. Mudança foi o que aconteceu quando a minha melhor amiga mudou de cidade na oitava série. Mudança foi o que aconteceu quando eu cortei o cabelo bem curtinho no segundo ano do ensino médio. Mudança foi o que aconteceu quando eu me mudei para Los Angeles, percebi que foi um passo maior do que a perna e tive que voltar para a casa da minha mãe. Mudança foi o que aconteceu quando eu beijei um dos meus amigos mais antigos porque estava bêbada.

— É uma questão de ponto de vista, não é? — ele diz. — Sim, pode ser que o Natal seja diferente, mas as partes importantes vão permanecer.

O chulé é a parte importante, penso e respiro fundo.

Ponto de vista. Tá bom. Temos saúde. Temos uns aos outros. Temos uma situação financeira confortável. Ponto de vista é algo positivo.

Mas ponto de vista também é algo traiçoeiro que foge do meu alcance. O chulé! À venda! Beijei o Theo, mas queria ficar com o Andrew! Odeio o meu emprego! Estou com vinte e seis anos e tive que voltar para casa! Miles se candidatou a universidades de todo o país e provavelmente vai ter uma casa própria antes de eu conseguir sair do meu quarto de menina!

Se eu morresse hoje, o que escreveriam sobre mim? Que sou obcecada em manter a paz entre as pessoas? Que consigo criar uma planilha decente? Que amo arte? Que nunca consegui de fato entender o que queria fazer da vida?

Abstraindo do som da música de Judy Garland tocando no rádio, fecho os olhos e faço um apelo silencioso: *Universo, o que estou fazendo da vida? Por favor. Eu quero...*

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um sonho de férias"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).